

Belém cidade Mariana: (re)vestida para ver a berlinda passar

Belém Mariana city: (re)dressed to see the “Berlinda” pass

Resumo

O Círio de Nazaré, enquanto maior procissão da América Latina, que reúne milhões de devotos para prestar homenagens à Nossa Senhora de Nazaré, simboliza um marco na cultura paraense, também por conta da vivificação das ambiências da cidade, visto que a fé coletiva transborda visivelmente na ornamentação de casas e prédios do Bairro de Nazaré no período de outubro, com homenagens à Virgem. Neste sentido busca-se, com este artigo, entender como o Círio foi vivenciado no período pandêmico de 2020, explicar quais alternativas foram elencadas para que a tradição do “Natal dos Paraenses” prosseguisse, ainda que com medidas restritivas de distanciamento, adotando o método etnográfico como forma de entender a cidade e o logradouro onde a festa religiosa acontece enquanto ente participativo que reforça seu sentido de ser e a identidade coletiva da comunidade que a revigora, lembrando que o Círio é uma festa do povo.

Palavras-chaves: Círio de Nazaré. Cultura amazônica. Pandemia. Belém do Pará.

Abstract

The Círio of Nazaré, as the largest procession in Latin America that brings together millions of devotees to pay homage to Nossa Senhora de Nazaré, symbolizes a milestone in Pará culture also on account of the revival of the city's ambiance, as collective faith visibly overflows in the ornamentation of houses and buildings in the “Bairro de Nazaré” in the October period with homage to the Virgin. In this sense, this article seeks to make sense of how the Círio was experienced in the pandemic period of 2020, explaining which alternatives were

Wagner José Ferreira da Costa

Universidade Federal do Pará;
Mestre em Arquitetura e
Urbanismo (PPGAU-UFPA).
E-mail:
wagner-arg2011@hotmail.com

Cybelle Salvador Miranda

Universidade Federal do Pará;
Doutora em Antropologia
(UFPA).
E-mail: cybelle@ufpa.br

listed so that the tradition of the “Christmas of the Pará” could continue, albeit with restrictive measures of detachment, adopting the ethnographic method as a form of meaning the city and the street where the religious festival takes place as a participative entity, that reinforces its sense of being and the collective identity of the community that invigorates it, recalling that the Círio is a festival of the people.

Keywords: Círio of Nazaré. Amazonic culture. Pandemic. Belém-PA.

Introdução

O Círio de Nazaré, iniciado em 1793, representa um momento ímpar de congregação da sociedade paraense, quando, na segunda quinzena de outubro, a cidade ganha um novo aspecto, que se pode perceber nos sentidos da audição, da visão, do olfato e do paladar. Os festejos se estendem por duas semanas (a chamada quadra nazarena), assimilando elementos religiosos e populares em que as decorações e a culinária adquirem relevo.

A festa nazarena resulta na maior procissão da América latina, que reúne alguns milhões de participantes. Nesta ocasião, a cidade é adornada por cartazes do Círio, renovados a cada ano na porta das casas, pelas toalhas expostas nas varandas dos prédios e nas decorações implantadas nas praças e ruas que compreendem o trajeto das duas principais romarias: a trasladação e o Círio. Contudo, ao longo dos tempos, estas manifestações foram renovadas, contando atualmente com 12 romarias que ampliam o circuito para a área metropolitana de Belém, reforçando a ideia do dinamismo de cada cultura, tendo sido reconhecido como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN e Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

Em 2020, a procissão foi oficialmente cancelada pela Arquidiocese, em função da pandemia do coronavírus, o que não impediu que procissões fossem organizadas pela população, entoando cânticos em louvor à Nossa Senhora de Nazaré e carregando berlindas com a imagem da santa, em substituição à berlinda oficial, que não saiu em cortejo. Durante a quadra nazarena de 2020, destacaram-se duas cenografias que enaltecem a história do Círio e a cultura popular a ele associada. A primeira foi montada na Praça Santuário, parte do complexo da Basílica Santuário, e a segunda,

no Parque Porto Futuro, situado na zona portuária da cidade. Estas duas cenografias, inéditas até então, nos levam a refletir sobre a espetacularização do evento, que adquire luzes e cores que lhe conferem uma imagem renovada, e a relação da arte como memória das comunidades ribeirinhas que se integram à festa com a comercialização dos brinquedos e objetos confeccionados em miriti, fibra extraída de uma palmeira local.

A força da fé e da tradição ultrapassaram as restrições impostas, e permitiram aos belemenses vivenciar o Círio sem a presença dos visitantes, nacionais e estrangeiros, e ignorando a chancela da diretoria da festa. Deste modo, o Círio durante a pandemia mostrou-se um retorno às raízes, no sentido da presença quase exclusiva dos nativos, paraenses, que puderam exercer sua devoção ativa, sem quebrar a cronologia das promessas, que passaram a ser entregues em locais alternativos, inclusive em espaços específicos montados em *shopping centers* da cidade.

Belém, a cidade revestida que acompanha a berlinda

Em Belém do Pará, a cidade se traduz em luzes e cores em virtude das festas comemorativas do Círio de Nazaré e do Natal. Ambas as festas têm conotação religiosa e trazem íntima relação por conta de apresentarem nome homônimo das cidades onde os eventos se iniciaram, Belém, uma em solo nativo e outra na Palestina, ainda que a primeira ocorra em âmbito local, celebrando a Virgem de Nazaré, e a outra dimensão internacional, pelo nascimento de Jesus.

Embora a festa natalina tenha grande importância para a comunidade cristã, não ganha tanta notoriedade na cidade quanto a força cultural projetada pela fé do povo paraense em Nossa Senhora de Nazaré, o que faz com que esta manifestação religiosa ganhe a alcunha de “O Natal dos Paraenses” (HENRIQUE; LINHARES, 2019, p. 402), comemorando cenas desde o achado da imagem da Virgem Santa por Plácido, um caboclo da região, a construção das ermidas para abrigá-la, até o ápice

da devoção popular materializada na Basílica Santuário de Nazaré, para onde a procissão se dirigia, a fim de celebrar a Missa do Círio¹.

A Festa do Círio engloba 12 romarias oficiais², das quais a transladação e o dia da procissão maior têm apelo pronunciado. A primeira ocorre na véspera da segunda, seguindo “a mesma estrutura do Círio, só que é feita à noite e em sentido inverso” (ALVES, 1980, p. 29), em que a imagem da Santa é levada pelos fiéis autorizados (geralmente Guardas de Nossa Senhora), que guiam a procissão desde a capela do Colégio Gentil Bittencourt, próximo à Basílica, em direção à Sé, outro exemplar arquitetônico de vital importância dentro do circuito da festa. O momento do traslado também revela o jogo do sagrado e do profano (ELIADE, 1992) na festa por conta do arrastão, como extensão dos folguedos juninos, enquanto resquícios do arraial de Nazaré³, e da festa da chiquita organizada pela comunidade LGBTQIA+ (DOSSIÊ DO IPHAN I, 2006) desde 1978, ativando a função de congregação da Praça da República com luzes e shows. Vemos que na Festa do Círio:

O sagrado e o profano, assim, longe de serem opostos absolutos, constituem-se categorias que operam simultaneamente. A Festa de Nazaré é, a um só tempo, um conjunto de atos litúrgicos que celebram um santo padroeiro e também de atos de encontro, de solidariedade, de neutralização das diferenças... Há um reconhecimento popular da natureza da festa. Por outro lado, ela não diz respeito a uma total inversão, pois no seu interior ela está voltada para homenagem ao santo em torno do qual se faz a devoção. (ALVES, 1980, p. 26).

Tanto no traslado como no dia da grande procissão, as ruas são preenchidas por uma diversidade de rostos que seguram nas mãos pequenos exemplares das graças alcançadas⁴, outros agarram-se à corda para “pagar” os milagres atendidos,

¹A Missa do Círio fora transferida da Basílica Santuário de Nazaré para a praça Santuário de Nazaré, em frente ao edifício, como tentativa de ser uma “Igreja ao céu aberto” para contornar a superlotação do espaço sacro patrimonial e, assim, protegê-lo do desgaste material.

²São elas, por sequência cronológica: 1 - Traslado para Ananindeua; 2 - Romaria Rodoviária; 3 - Círio Fluvial; 4 - Moto Romaria; 5 - Transladação; 6 - Círio de Nazaré; 7 - Ciclo Romaria; 8 - Romaria da Juventude; 9 - Romaria das Crianças; 10 - Romaria dos Corredores; 11 - Procissão da Festa; 12 - Recírio.

³A sobrevivência do arraial de Nazaré, que antes ocorria na antiga praça Justo Chermont (atual Praça Santuário de Nazaré, desde 2015) foi simbolizado pelo ITA Center Park, cujos brinquedos e barracas de quitutes e artesanatos hoje instalam-se no estacionamento ao lado do Centro Social de Nazaré.

⁴Aqui enquadram-se conquistas, como a casa própria (geralmente com os mesmos aspectos formais e cromáticos), a cura das doenças representadas por peças de cera no formato de órgãos do corpo humano chamadas de “ex-votos”, dentre muitas outras manifestações, como crianças vestidas de anjos levadas nos colos dos pais.

além dos tantos milhares de fiéis que seguem a Senhora de Nazaré, disputando os raros espaços com vendedores ambulantes de artigos dos mais variados gêneros, desde *souvenires* (terços, rosários, camisas, brinquedos, dentre tantos outros) até alimentos.

Figura 1 – Círio de Nazaré, representado no mural externo de um colégio particular na Avenida Nazaré.



Fonte: Autor (2020).

A sensação é de que não há vazio espacial ou afetivo, pois o meio fio e as calçadas estão preenchidos pelo amor dos fiéis à Santa, que, tomados pelo coro emocional, cantam fervorosamente as orações, ladainhas e músicas religiosas com fé inabalável, que confundem-se quase sempre com saudações do gênero: “Viva Nossa Senhora de Nazaré!”- respondidas pelo povo com: “Viva!”, contribuindo no entendimento e na interpretação das “ambiências configuradas pelos sujeitos em seus espaços vividos” (VEDANA, 2010, p. 5) do trajeto religioso festivo; há chuva de graças convertendo-se em lágrimas, outras assumem a forma de confetes ou flores, fogos de artifício vão às alturas, elevando as preces dos devotos, e dividem o horizonte com as faixas das sacadas dos apartamentos, que pendem como passarelas para os céus e saúdam Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 2 – Círio de Nazaré de 2018 – Na foto, as mãos do autor em prece saudando a Berlinda.



Fonte: Jade Melo (2018).

A solidariedade da população com os devotos⁵ que vem de várias partes do Brasil e do mundo, principalmente os romeiros que intentam pagar suas promessas, também faz notar a importância dos edifícios ornados com homenagens à Santa na figura de faróis na prestação de auxílio, como a distribuição de água e alimentação, serviços que foram ampliados pela Pastoral da Acolhida da Basílica Nossa Senhora de Nazaré, criada em 2001, sob a supervisão do Padre Sílvio Jaques, no Centro Social de Nazaré a cada ano (BASÍLICA DE NAZARÉ, 2021).

A maneira como a Festa do Círio reorganiza a urbis belemense pode ser entendida sob a perspectiva das “cinco peles” (o indivíduo, seus trajés, abrigos, o meio social e o planeta o qual habita) (RESTANY, 1999, p. 10) do artista austríaco Hundertwasser, transliterada na realidade paraense pela relação dos indivíduos e as formas construídas por sua coletividade.

⁵Aqui, “devotos” são entendidos como aqueles que vem de fora do Estado do Pará e “romeiros”, como aqueles que vem de dentro da região (ALVES, 1980, p. 55-56).

Dentro do circuito da Festa do Círio, as “peles” se harmonizam a ponto de quase que a totalidade da comunidade religiosa católica aderir a certas convenções sociais estabelecidas para o período, como o uso das camisetas do Círio com a imagem de Nossa Senhora abraçada pelo manto do ano⁶ ou o enfeite de suas residências, lançando luzes para a importância das construções arquitetônicas, como a Basílica de Nazaré ou os conjuntos de edifícios que povoam o logradouro do bairro, enquanto símbolos, estes últimos temporários⁷, que expressam um sentimento uníssono de veneração, conferindo ao espaço um sentido teogônico e hierofânico (ELIADE, 1992, p. 20) consagrado à Virgem de Nazaré, vigorando como local no qual o sagrado pode vir a ser testemunhado, onde o ápice maior da manifestação religiosa local se desenvolve no dia da grande procissão do Círio.

Neste sentido, outubro sempre traz consigo uma aura mágica, demarcada desde o início do mês pelas estruturas dos “Arcos de Nazaré”, dispostos ao longo da avenida principal por onde o trajeto da festa acontece, enquanto elementos estilizados com a notável presença, em cada um, da imagem da Santa e os motivos que sinalizam os ornatos de seu manto. Estes portais produzem uma atmosfera inexplicável (BÖHME, 1993), evocando um sentimento de unidade em prol da crença popular em Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 3 – Arco de Nazaré no Círio de 2020.



Fonte: Autor (2020).

⁶O manto, como um símbolo do Círio que muda todos os anos com temáticas diferentes.

⁷No sentido de que eles só ganham avivamento maior e destaque no período do Círio, fora essa ocasião, geralmente, passam despercebidos.

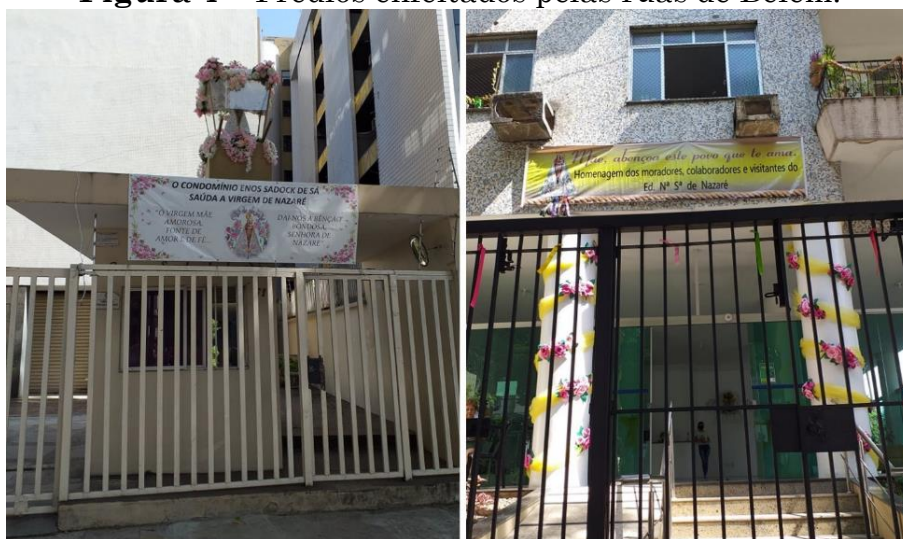
Assim, a ambiência (THIBAUD; DUARTE, 2013, p. 1), como amálgama da sensorialidade, espacialidade e meio sociocultural pode ser percebida por todos, nativos e estrangeiros, trazendo ares de renovação à tradição nazarena belemense, em que a cidade deixa seu aspecto cenográfico e passa a ser reanimada, vivificada enquanto ente que se reveste de homenagens à Santa para vê-la passar na procissão do Círio. Tal qual o devoto participante que se traça com a melhor roupa, reforçando as estruturas mitológicas criadas ao redor da figura da Virgem, bem como a identidade cultural da cidade ao anunciar, que “*é Círio outra vez*”⁸, fazendo valer a função atemporal da arquitetura por:

criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estruturam nossa existência no mundo. A arquitetura reflete, materializa e torna eternas as ideias e imagens da vida ideal. As edificações e cidades nos permitem estruturar, entender e lembrar o fluxo amorfo da realidade e, em última análise, reconhecer e nos lembrar quem somos. A arquitetura permite-nos perceber e entender a dialética da permanência e da mudança, nos inserir no mundo e nos colocar no *continuum* da cultura e do tempo... Em seu modo de representar e estruturar a ação e o poder, a ordem cultural e social, a interação e a separação, a identidade e a memória, a arquitetura se envolve com questões existenciais fundamentais (PALLASMAA, 2011, p. 67-68).

É assim que as fachadas de casas e prédios nos logradouros tornam-se mais vivazes; faixas, cartazes e berlindas dos mais diversos tamanhos com a imagem da Santa ornadas com flores coloridas fazem-se presentes, além de símbolos do Círio, como a corda, as fitas coloridas de promessas e os mantos que envolvem as diversas santinhas (geralmente feitos por um dos habitantes de cada edifício ou carinhosamente comprados da artesanaria regional) e espelham a relação afetiva que a comunidade dos devotos guarda em seu íntimo com a padroeira do povo paraense. Até mesmo edifícios de várias instituições privadas e públicas, como escolas, hospitais e comércios no geral rendem suas homenagens.

⁸Música do Padre Fábio de Melo.

Figura 4 – Prédios enfeitados pelas ruas de Belém.



Fonte: Autor (2020).

O Círio é, portanto, uma festa que reconfigura a natureza espacial da cidade de Belém do Pará, trazendo à tona a realidade dos edifícios como entes comunicantes da devoção mariana local, por conta dos ornatos em honra à Santa; no mês de outubro, as construções não são apenas uma pele que reveste e abriga os habitantes do espaço, contudo uma expressão de suas individualidades unidas, reforçando o sentido de identidade coletiva da comunidade católica local, que dá sentido à estrutura da Festa de Nazaré, são como formas vivas a observar a “Nazica”⁹ passar.

Pandemia e o retorno às raízes populares do Círio de Nazaré

O ano de 2020 ficou conhecido como período traumático para a população mundial, devido à pandemia ocasionada pelo coronavírus, que ceifou a vida de mais de meio milhão de brasileiros, causando prejuízos ao país em vários segmentos, da saúde à economia, afetando, inclusive, a maior festa religiosa da América Latina, o Círio de Nazaré.

Desde que o Governo do Estado resolveu decretar um período severo de *lockdown* na capital paraense como medida preventiva, no sentido de evitar a proliferação da doença em Santa Maria de Belém do Grão-Pará¹⁰, a população,

⁹Forma carinhosa de chamar Nossa Senhora de Nazaré. Outras que também se aplicam são “Naza” ou “Nazinha” (HENRIQUE; LINHARES, 2019, p. 402).

¹⁰Outra denominação para Belém do Pará.

assustada com o número crescente de infectados e mortos, se perguntava se a grande celebração em honra à Rainha da Amazônia ainda ocorreria ou seria neste ano cancelada pelas autoridades eclesiásticas, a pedido dos órgãos de saúde. Até julho, os devotos se mantiveram esperançosos de que a grande procissão ocorresse e, ao passo que o mês de outubro se aproximava, os principais jornais do estado lançavam, de forma recorrente, notas informativas sobre a situação.

Em setembro, contudo, as autoridades eclesiásticas na figura do Bispo do Pará Dom Alberto Taveira Corrêa, se pronunciaram acerca do acontecimento da festa de Nazaré, sugerindo uma nova maneira de vivenciar o período festivo adaptado ao cenário pandêmico, uma vez que:

Para nós, o Círio vai acontecer e deve acontecer, ainda que tenhamos muitas adaptações a fazer. Um Círio diferente, tarefa de todos nós, cristãos católicos que o assumimos como missão, dando exemplo a todos de que somos capazes de abraçar também as cruzes e limitações que nos vieram durante este período! (DOM ALBERTO TAVEIRA CORRÊA, 2020).

A solução encontrada foi a de um Círio supostamente mais interativo, visto que as procissões, *a priori*, não poderiam ser realizadas para evitar aglomerações, conforme as recomendações das entidades sanitárias do Estado. A cidade se preparou enfeitando-se como de costume, com faixas, fitas, e símbolos da festa religiosa na frente de grande parte das residências, dos prédios e das instituições de múltiplos gêneros, na medida em que também montou postos de arrecadação das promessas em vários lugares, como praças, *shoppings* e até pontos turísticos da capital, para evitar que os fiéis se dirigissem à Basílica Santuário de Nazaré.

Essa iniciativa tentava driblar a situação apreensiva em que se encontrava o ânimo dos paraenses frente à virtualidade da celebração da grande procissão, que seria transmitida de forma corrente no segundo domingo de outubro pelas redes de televisão, com a saída da Virgem de Nazaré da Catedral, em um sobrevoo no território belemense para abençoar o povo, seguindo em direção à Basílica, onde a Missa do Círio se realizaria com a presença escassa de um grupo seletivo de pessoas, contando com a presença de autoridades religiosas e figuras políticas locais.

A distribuição dos pontos de coleta de promessas, como os “ex-votos”, tornou-se uma estratégia de reconhecimento da cidade, no sentido de propiciar um maior

entrosamento dos belemenses com as obras da arquitetura local, pouco visitadas pelos habitantes em tempos correntes, como o Teatro Estação Gasômetro, que integra o complexo do Parque da Residência¹¹, trazendo a exposição de maquetes físicas da Basílica Santuário de Nazaré, além de miniaturas da natureza da festa de Nazaré, bem como *banners* explicando sua dinâmica.

Figura 5 – Teatro Estação Gasômetro / Réplica da Basílica Santuário de Nazaré feita em Miriti, pelo artista Waldelir (Militong), 2015 – Acervo do Museu do Círio – SECULT.



Fonte: Autor (2020).

Com o intuito de evidenciar a experiência do Círio na época da pandemia, utilizamos a etnografia (GEERTZ, 2009) como forma de apreender as relações espaciais e vivenciais que as pessoas desenvolvem com o ambiente citadino, buscando entender como os paraenses demonstrariam para além dos prédios enfeitados, a fé que nutrem por mais de um século à Nossa Senhora de Nazaré, evidenciando, assim, um trajeto antropológico¹² (DURAND, 2012, p. 41). Valemo-nos de registros fotográficos obtidos pelas incursões a campo em dias e horários discordantes para testemunhar a força da crença católica popular belemense, a mesma que desafiou as medidas de segurança vigentes e impulsionou vários devotos a juntarem-se em grupos

¹¹Antiga Residência dos Governadores do Estado, assumiu o nome atual de Parque da Residência após o restauro, em 1995 (PARÁ, 2000).

¹²Diz respeito à incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas, que emanam do meio cósmico e social.

diversos para ressignificar um ano que não haveria procissão em um mar de Círios, voltando às raízes populares da festa, longe da pompa e comercialidade reforçada pelos entes político-religiosos¹³.

Componentes estéticos e novos olhares sobre o evento

O dinamismo do Círio é algo marcante e significativo de sua vitalidade cultural, porém, em outubro de 2020, foram necessários novos arranjos para celebrá-lo durante a pandemia.

Uma das estações da Preamar da Fé, concebida pela Secretaria de Cultura do Estado do Pará, o Porto dos Miritis, instalação marcada por objetos inspirados na cultura amazônica, concebida pelo artista plástico Emanuel Franco, e executada por artesãos de Abaetetuba, foi implantada no Parque Porto Futuro, inaugurado neste mesmo ano¹⁴. O parque integra um grande projeto de revitalização da área portuária de Belém, e contou com uma das exposições da Feira do Miriti, ocasião em que os artesãos que fabricam brinquedos e demais objetos, utilizando a tala da palmeira de mesmo nome, trazem à capital sua produção para comercialização.

Ao visitar o lugar, no dia da sua inauguração (2 de outubro), pudemos acompanhar os últimos ajustes na cenografia criada para dar vida às canoas e à berlinda, instaladas no lago do parque. Ao cair da tarde, a composição de luzes foi dando relevo aos barquinhos, cujos reflexos multicoloridos eram vistos na superfície da água e em algumas árvores do parque. Nessa atmosfera mágica, visitantes posavam para fotos e contemplavam a paisagem. Após meses de muita apreensão e isolamento, o retorno aos passeios ao ar livre nos proporcionou uma sensação de bem-estar e esperança.

¹³Entendemos a necessidade de organização da festa do Círio de Nazaré, contudo reforçamos o pensamento de que a procissão surgiu por empreitada popular (ALVES, 1980, p. 69).

¹⁴Ver <https://www.secult.pa.gov.br/noticia/244/clima-do-cirio-ja-envolve-o-publico-no-parque-belem-porto-futuro>.

Figura 6 – Porto dos Miritis ao anoitecer.



Fonte: Autora (2020).

Situado no entorno do trajeto da procissão oficial do Círio, o Parque da Residência, localizado ao final da Avenida que margeia o canal Visconde de Souza Franco, é percorrido por fiéis que desembarcam dos transportes coletivos que tem seu trajeto desviado na ocasião das procissões. Na véspera da trasladação¹⁵, a Avenida também é caminho para o traslado dos carros dos milagres, que se deslocam da Basílica até uma edificação no entorno da Catedral, de onde saem no domingo do Círio, recolhendo as promessas dos devotos. Devido à impossibilidade da realização da procissão, foi garantida aos promesseiros a entrega de suas oferendas nos ditos carros dos milagres, então posicionados na Praça Santuário, fronteira à Basílica, e também em área de circulação do *shopping*, situado na Avenida Visconde de Souza Franco, onde foi instalado um receptor para os objetos ofertados.

Figura 7 – Instalação nazarena destinada a receber as promessas, no Boulevard Shopping.



Fonte: Autora (2020).

¹⁵Trasladação é a procissão realizada na noite anterior ao Círio, quando a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré é conduzida da capela do Colégio Gentil Bittencourt à Catedral de Belém.

Ao longo da quadra nazarena, a imagem peregrina foi exposta para a visitação dos fiéis no altar situado ao centro da praça, sendo organizada uma fila para que os fiéis pudessem contemplar a imagem e fazer suas orações. À noite, as luzes em formas triangulares faziam alusão ao manto de Nossa Senhora, bem como uma imagem com um tom de azul intenso, que simbolizava a Virgem de Nazaré. O percurso era disciplinado pela guarda da festa, sendo indicado por um tapete vermelho, no qual os devotos se instalavam de forma irregular, mas sem sobressaltos. Celulares em mãos, registravam a ambiência, mas principalmente posicionavam o modo *selfie* para tornar inequívoca a participação naquele evento.

Devido ao tempo prolongado que os fiéis passavam em suas orações, a fila andava muito lentamente, de modo que nós, ao mesmo tempo preocupados em não passar muito tempo em aglomeração e visando conhecer o túnel instalado na continuidade do trajeto transversal da praça, solicitamos aos guardas que nos conduzissem por um desvio. Feito isto, ingressamos em uma experiência de luzes e cores, em que no piso estava retratada a história do Círio em forma de quadrinhos, bem como fotografias que ilustravam cenas da procissão, dos antigos cartazes do evento e dos mantos confeccionados anualmente para vestir a santa.

Figura 8 – Iluminação da Praça Santuário.



Fonte: Autora (2020).

Figuras 9 e 10 – Túnel contando a história do Círio.



Fonte: Autora (2020).

Pessoas de todas as idades aproveitavam as laterais da praça para conversar e fruir o ar agradável da noite amena. Nesta paisagem, apesar do uso ostensivo de máscaras, era possível perceber no semblante dos visitantes a alegria em poder participar, mesmo que de modo não usual, das celebrações da Festa de Nazaré. O tratamento luminotécnico, estratégia que já vinha sendo adotada pela arquidiocese para valorizar o evento, ganhou, neste ano, um caráter renovador e apaziguador para

os visitantes, que desta vez eram apenas moradores da cidade e de municípios próximos.

De volta às raízes da fé: o Círio do povo, de novo

Entendemos o Círio como uma festa do povo e que dele surgiu, se estabelecendo enquanto manifestação cultural, como tradição (MATEUS, 2013) para além dos poderes que institucionalizaram sua manifestação, visto que o mito do “achado da Santa”, sempre retoma pontos cruciais, pois:

O mito coloca em foco alguns aspectos importantes: em primeiro lugar, o tipo de pessoa que encontrou a Santa; em segundo lugar, a apropriação oficial, que se dá posteriormente tanto por parte da Igreja como por parte do governo provincial e, em terceiro lugar, o caráter de peregrinação, portanto de movimentação de pessoas, que implica na “devoção” à Santa desde seus primórdios. (ALVES, 1980, p. 69-70).

Embora procissões dos devotos já ocorressem para homenagear a Santa em solo belemense, somente em 1793, com a realização do primeiro Círio e arraial, é que a festa começou a ter o formato que conhecemos hoje, demarcando uma apropriação “oficial” por parte do Governo do Estado e das autoridades religiosas. Se por um lado esta atitude garantiu maior organização da festa ao longo dos anos, conseguindo trazer a visibilidade de seu acontecimento em escala nacional e internacional, na atualidade, fez com que o domínio dos ícones, antes pertencentes ao povo, assumisse uma conotação restrita, evidente na tradução dos dois gêneros de Círio ocorridos em cenário pandêmico do ano de 2020, um ligado às instituições políticas e religiosas e outro puramente popular.

Um dos episódios mais marcantes dentro da vivência da Festa de Nazaré no ano pandêmico foi, sem dúvida, a resistência popular em se conformar com a não ocorrência da procissão maior, o Círio, tendo como resposta a reunião de vários grupos de promesseiros, ainda que de máscara, desde a noite anterior, correspondente ao Traslado, que levavam uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré pelas ruas por onde o percurso geralmente ocorria, ultrapassando as medidas protetivas impostas, demonstrando a carga devocional atribuída à Padroeira.

Ao longo do trajeto, mais pessoas assomavam-se à pequena procissão, transeuntes juntavam-se em coro, boa parte dos motoristas buzinavam em concordância com a empreitada, pessoas desciam dos coletivos para acompanhar a passagem da Santa. A atitude emocionante do ato de fé e resistência era transmitida pelas redes sociais dos participantes da insurreição reavivando a cidade, que, enfeitada, já parecia prever que nada impediria os devotos de prestarem suas homenagens, o que motivou muitos a comparecerem nas ruas no dia seguinte, 11 de outubro de 2020, para ver a Imagem Peregrina da Santa alçar voo do Complexo Feliz Lusitânia, onde está sediada a Igreja da Sé, protegida neste momento por uma barricada.

Montamos plantão em frente ao Museu do Estado, um pouco longe da aglomeração que se recostava no parapeito protegido pela Polícia Militar, a fim de assistir a saída aérea da Santa. Após começar o trajeto pelos céus da capital em direção à Basílica, era possível ver promesseiros por todos os lados e, aos poucos, as ruas desertas iam se preenchendo de corpos em movimento, até formarem uma massa considerável no quarteirão restrito da Basílica e da Praça Santuário.

Figura 11 – Complexo Feliz Lusitânia; e ao fundo, a Igreja da Sé.



Fonte: Autor (2020).

Figura 12 – Praça e Basílica Santuário de Nazaré.



Fonte: Autor (2020).

A avenida Nazaré, tão bem ornada, via novamente não só uma berlinda passar com a “Nazinha”, mas várias delas, cada uma levada por um grupo de fiéis, que se encontravam todos durante o percurso ou, no final dele, amarrando suas fitinhas coloridas de pedidos nas grades do quadrilátero da praça, o mais perto que conseguiriam chegar de onde a imagem tinha pousado para a missa solene. O professor do curso de História da Universidade Federal do Pará, Márcio Couto Henrique, em uma de suas redes sociais, declarou que o Círio do ano pandêmico demonstrou originalidade:

Para mim, o Círio de 2020 foi mais um ‘Círio civil’. Não tinha bispo, padres, Diretoria de Nazaré, Guarda de Nazaré. Não tinha Varanda de Nazaré. Não tinha espetacularização da fé. Não tinha pacote de Tv, nem arquibancada para turistas. E, ninguém sentiu falta. Mas tinha Nossa Senhora de Nazaré às centenas! Tinham cordas, berlindas, hinos, ex-votos e povo, muito povo! Isso é o Círio de Nazaré. Foi um Círio único, mas também com a impressão de que cada devoto fez seu Círio particular. Dessa vez não arrombaram as portas, nem forçaram a retirada das grades. O povo foi para a frente da Basílica, pela Generalíssimo, e concluiu a promessa diante das grades, de frente para o templo fechado. (Márcio Couto Henrique, 2020).

Enquanto isso, dentro do Santuário Mariano belemense, as autoridades político-religiosas, junto com um número privilegiado de fiéis pertencentes à Instituição da Basílica, como parte da Diretoria do Círio, davam continuidade à

celebração, deixando evidente uma hierarquia que, além de zelar pelo espaço do sagrado, também, de certa forma, o controla.

Embora o culto à Rainha da Amazônia estivesse ocorrendo a portas fechadas e sendo transmitido pelas redes de televisão como um momento solene e “oficial”, era nas ruas que a atmosfera devocional estava presente, chamando a atenção dos holofotes para a ambiência externa que saudava a Virgem; pudemos observar a vivificação e a atualização da tradição da festa do Círio, que este ano pareceu retornar às suas raízes, uma festa popular feita pelo povo em honra à Nossa Senhora, enquanto forma de reaver seu sentido de existir e resistir, rememorando a simplicidade de quem achou a imagem e de quem fez e faz o cortejo acontecer, a população. Nesta perspectiva, a cidade vestida que vê passar a berlinda vigora como potência coletiva que reforça os laços identitários locais, contextualizando a uma só voz o carinho do povo paraense pela Santa nas ruas de Belém.

Considerações finais

No culto belemense à Nossa Senhora de Nazaré é que vemos como o espaço só pode ser concebido pelas “redes de relações sociais e valores” (DAMATTA, 1997, p. 27), que transformam a realidade da cidade, conferindo a esta “um determinado caráter, de um certo valor emocional e existencial. Toda ambiência mobiliza as experiências vividas e as maneiras de se estar juntos” (THIBAUD, 2014, p. 32), como na festa do Círio de Nazaré, que enche a cidade de luz e solidariedade em benefício da fé à Rainha da Amazônia.

É pela atitude de ornamentação das fachadas de casas, prédios, variados gêneros comerciais e instituições como forma de prestar homenagens, que a cidade é reanimada e congrega uma atmosfera convidativa aos habitantes e aos visitantes nos preparativos para ver a passagem da Santa pelas ruas de Belém, onde a fé do povo paraense se transborda para além das crenças individuais, demonstrando a força coletiva, no sentido de firmar sua identidade por meio do “Natal dos Paraenses”.

Foi esta mesma crença mariana nativa e popular que desafiou as autoridades político-religiosas e sanitárias conseguindo, em pleno contexto pandêmico, fazer acontecer sob a forma de dois gêneros o Círio. Assim, 2020, que antes seria recordado

como o ano em que o Círio não ocorreu, foi concebido e rememorado como o momento em que várias “Nazicas” foram avistadas pelos edifícios a navegar o rio de gente que abrilhantava a rua de afetividade, trazendo à tona as raízes da festa, um culto do povo para homenagear sua matrona.

A outra categoria de Círio, a dita “oficial”, demarcada pela celebração na interioridade da Catedral e Basílica Santuário de Nazaré, respectivamente, revelaram no ano abordado, o quanto a arquitetura é utilizada de certa forma como controle, e também como publicidade e produto visual (PALLASMMA, 2011, p. 29) que, muitas vezes, faz passar despercebido seu real sentido de existir. Ainda que em teoria, as edificações aqui apresentadas pertençam à coletividade de fiéis enquanto patrimônio, estes foram excluídos do seleto grupo de ‘eleitos’ que participaram da celebração solene.

Nesta conjuntura, a insurreição do povo nos pareceu uma forma inusitada de reaver os símbolos que saíram de nosso meio e trazer à superfície de nossa consciência o verdadeiro sentido da festa, chamando a atenção para o que realmente importa, homenagear a Nossa Senhora de Nazaré através do corpo pela roupagem que vestimos (cultura de um modo geral), de nossos edifícios pela maneira como os trajamos na produção de atmosferas, na criação de sensibilidades, e por tudo aquilo que aguce nossas mentes para lembrarmos aquilo que somos, aliás, o Círio é nosso, é do povo, e de novo.

Referências bibliográficas

ALVES, Isidoro Maria da Silva. *O carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré*, em Belém. Coleção Antropologia 13. Petrópolis, 1980.

BASÍLICA SANTUÁRIO DE NAZARÉ. *Pastoral da Acolhida*. Disponível em: <https://basilicadenazare.com.br/pastorais/pastoral-da-acolhida/>. Acesso em: ago. 2021.

BÖHME, Gernot. *Atmosphere as the Fundamental Concept of a New Aesthetics*. Trad. Diogo Silva Corrêa e Olivia von der Weid. Eleven 1993; 36;113. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2017/09/14/a-atmosfera-como-o-conceito-fundamental-da-nova-estetica-por-gernot-bohme/>. Acesso em: set. 2021.

DaMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro; Rocco, 1997.

DOSSIÊ DO IPHAN I. *Círio de Nazaré*. Rio de Janeiro: Iphan, 2006.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. I Gilbert Durand: tradução Hélder Godinho. 4^a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e O profano*. Tradução por Rogério Fernandes. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

GEERTZ, C. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. *In: GEERTZ, C. Obras e vidas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009a. p. 11-40.

HENRIQUE, Márcio Couto; LINHARES, Anna Maria Alves. *Cerâmica marajoara e Círio de Nazaré: significação e sacralização do patrimônio cultural brasileiro*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 20, n. 41, p. 394-420, maio/ago. 2019.

MATEUS, João Mascarenhas. *A questão da tradição: História da construção e preservação do patrimônio arquitetônico*. PARC – Pesquisa em Arquitetura e Construção. Campinas: UNICAMP, vol. 3, n. 4, abril 2013, p. 27-32.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos / Juhani Pallasmaa; tradução técnica: Alexandre Salvaterra*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PARÁ. Secretária de Cultura do Estado e Estação Gasômetro. BELÉM. SECULT, 2000.

RESTANY, Pierre. *O Poder da Arte Hundertwasser – O Pintor-rei das Cinco Peles*. Koln: Taschen, 1999.

THIBAUD, Jean-Paul; DUARTE, Cristiane Rose. *Ambiance: pour une approche sensible de l'espace*. *In: AMBIANCES URBAINES EN PARTAGE*. Genebra: Metis-Presses, 2013. pp. 21-30.

THIBAUD, Jean-Paul. *O devir ambiente do mundo urbano*. Redobra, Salvador, n. 9, p. 30-36, 2014.

VEDANA, Viviane. *Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana*. Revista Iluminuras, v. 11, n. 25, 2010.

Recebido em: 29 set. de 2021.

Aceito em: 20 mai. 2022.

COMO REFERENCIAR

COSTA, Wagner José Ferreira da; MIRANDA, Cybelle Salvador. Belém cidade Mariana: (re)vestida para ver a berlinda passar. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 1, p. 189-209, 2022.